

## NOTAS

Eu disse que tinha aparecido umas andorinhas. Creio que são três casais, muito amorosos. Dois deles estavam esta manhã no telhado junto ao de minha água-furtada, na antena de uma televisão. Veio-me a vontade de mandar uma carta profundamente tola a uma pessoa de minha terra:

“Você se lembra daquelas andorinhas, quando a gente era criança, como gostavam de ficar nos fios do telégrafo? Pois olhe, as andorinhas aqui do Rio agora só querem saber de televisão...”

De joelho quebrado, de rim doendo, eu me senti de repente tão velho, tão gasto, que até perdi o apetite de beber e não quis de jeito nenhum acompanhar o enterro daquele meu amigo até lá em cima no alto do morro do São João Batista. Tive a impressão de que quando me visse chegar lá, mancando e arfando, um funcionário do cemitério podia resolver ser gentil:

“— O senhor não quer aproveitar a viagem? Não faça cerimônia...”

Sonhei que no fundo da madrugada tinha me encontrado com Evaldo Ruy, ressurgido de sua morte, sempre bem vestido, com o colarinho sempre um pouco apertado, e que sem estranhar muito (eu devia estar bêbado) lhe tinha dado uma pancada nas costas com ar de censura:

“— Mas sim senhor, hein, seu Ruy! Que papelão!”

E ele tinha rido muito seu riso rouco, meio encabulado.

No Rio já apareceram mais de vinte anedotas do sr. Getúlio Vargas chegando no céu ou no inferno. Um são mordazes, outras inocentes, outras simpáticas. Todas têm a mesma virtude: driblam a tragédia, tornam aceitável, humano, o eterno mistério e assombro da morte. Não há dúvida que ele próprio se rirá de algumas, se as puder ouvir. E também não há dúvida que, se esse negócio de espiritismo funcionar mesmo, qualquer hora destas Evaldo Rui vai baixar por aí com um samba novo:

“A coisa aqui em cima está fervendo. Eu já disse pra Noel...”

E no fim, recado para Haroldo Barbosa:

“Ajeite essa segunda parte para mim, meu irmão, e dê para a Elizete gravar...”

819154 R. B.